



**Instituto de Ciências Humanas - ICH
Departamento de Serviço Social
2º semestre/2024**

O Fenômeno da Violência: Uma questão social, uma questão de saúde

Discente: Grazyelle Sarah de Gois Aguiar
Orientador: Lucas Alves

Justificativa

A violência é um fenômeno estrutural e historicamente construído, refletindo as contradições do capitalismo e manifestando-se como uma das expressões da questão social (Minayo, 2006, 2007, 2013; Guedes, 2009; Netto, 2001). No modo de produção capitalista, a violência não é um elemento isolado, mas se articula às dinâmicas de exploração da força de trabalho, à expropriação de direitos e à manutenção das desigualdades sociais. A questão social é indissociável da lógica de acumulação do capital, e suas manifestações incluem formas sistemáticas de violência, que atingem de maneira desigual diferentes segmentos da população.

O 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) revela um cenário alarmante: homicídios, feminicídios, violência contra crianças, adolescentes e idosos, além da violência policial crescente. A violência contra a mulher, atingiu níveis recordes, com 1.467 feminicídios e mais de 200 mil casos de agressão doméstica em 2023. Diante desse panorama, o setor saúde assume um papel central no enfrentamento da violência, uma vez que o Sistema Único de Saúde (SUS) representa um campo de resistência e acolhimento para as vítimas.



Nesse direcionamento, a relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão da violência enquanto uma questão estrutural e contemporânea, diretamente vinculada às contradições do capitalismo. No contexto brasileiro, a violência não pode ser analisada de forma isolada, pois se entrelaça com marcadores sociais como gênero, raça/cor e classe, evidenciando a persistência de desigualdades históricas e estruturais que afetam de maneira desproporcional determinados grupos populacionais.

Ao trazer a interface entre violência e saúde para o centro do debate, este estudo contribui para o aprimoramento das estratégias de cuidado no SUS, destacando a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de saúde e da incorporação de uma abordagem interseccional que reconheça os impactos da violência em diferentes grupos sociais. A pesquisa também fortalece o entendimento do Serviço Social na saúde sobre esse fenômeno, fornecendo subsídios teóricos e práticos para os debates e intervenções.



Objetivo geral:

Analisar como o Serviço Social apreende e contribui para a compreensão da interface entre saúde e violência na agenda da saúde brasileira.

Objetivos específicos:

- Abordar a violência como expressão da questão social;
- Investigar a abordagem da violência no campo da saúde a partir das produções acadêmicas em Serviço Social;
- Identificar as principais tipologias de violência e seus impactos na saúde, a partir das pesquisas selecionadas.

Caracterização dos capítulos

Capítulo 1:

- **A violência na história:** Objetivou-se contextualizar a violência ao longo da história, destacando-a como uma categoria que transmuta conforme o contexto sociocultural, o que dificulta sua conceituação precisa, dada a multiplicidade de fatores que perpassam sua existência (Dadoun, 1998; Girard, 1990; Bernaski; Sochodolak, 2018; Marx, 2013)
- **A violência como expressão da questão social:** Analisou-se sua relação com a contradição entre capital e trabalho. Nessa perspectiva, a violência assume uma face específica, pois enquanto expressão da questão social, ela não se reduz a um fenômeno desvinculado das estruturas econômicas e políticas, mas se configura de acordo com as dinâmicas da acumulação capitalista. (Iamamoto, 2008; Netto, 2012, 2001; Marx, 2011)
- **A violência na formação social do Brasil:** Evidenciou-se como as mudanças na organização político-administrativa dos colonizadores não alteraram a estrutura de dominação violenta que perdura até a atualidade. (Minayo, 2007; Santos, 2015; Ribeiro, 1995; Césaire, 2020; Galvão, 2008)

Caracterização dos capítulos

Capítulo 2:

O segundo capítulo dedicou-se a situar a violência na agenda da saúde, analisando sua interface com essa área a partir do estudo das pesquisas do Serviço Social. Tendo como base os grupos sociais em centralidade nas produções, um panorama foi traçado abordando principais tipologias de violência e de como incidem em diferentes segmentos, com o intuito de evidenciar seus impactos físicos, psicológicos e sociais, e suas demais implicações (Galvão, 2008; Minayo, 2018; Da Hora, 2018; Guedes; Fonseca 2009)

O capítulo resultou em três subtópicos, nos quais foram versadas:

- A violência de gênero contra a mulher (Brasil, 2011; OMS; Krug, 2002; Teixeira, 2018; Azambuja e Nogueira, 2008; Pinheiro, 2018);
- A violência contra crianças e adolescentes (Da Hora, 2017; Sanchez, Minayo, 2006, 2009; Brasil, 2010; OMS; Krug, 2002)
- A violência contra idosos (Junior, 2022; Araujo, 2019; Minayo, 2007 e 2014; Brasil, 2010)

Caracterização dos capítulos

Capítulo 3:

O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa, detalhando os procedimentos adotados para a seleção e análise das produções acadêmicas.

De que maneira o Serviço Social tem teorizado e contribuído para a análise da interface entre saúde e violência, considerando suas repercussões na realidade brasileira?

Metodologia da Pesquisa

- Natureza bibliográfica, fundamentada na análise de materiais já elaborados (Gil, 2008).
- Revisão integrativa de literatura qualitativa e exploratória, permitindo a síntese e análise crítica do conhecimento existente (Caputo, 2021).
- Investigação baseada em teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Serviço Social da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Caracterização dos capítulos

Capítulo 3:

- A pesquisa envolveu a combinação das palavras chaves “saúde” e “violência” subsequenciadas pela filtragem de Programas de Pós Graduação em Serviço Social, no recorte temporal de 2011 até 2024. O período a ser analisado tem como marco inicial o ano de 2011, ano da instituição da Portaria nº 104 realizada pelo Ministério da Saúde, que inclui as violências na lista de notificação compulsória, um importante marco relativo a interface entre a violência e saúde no Brasil.

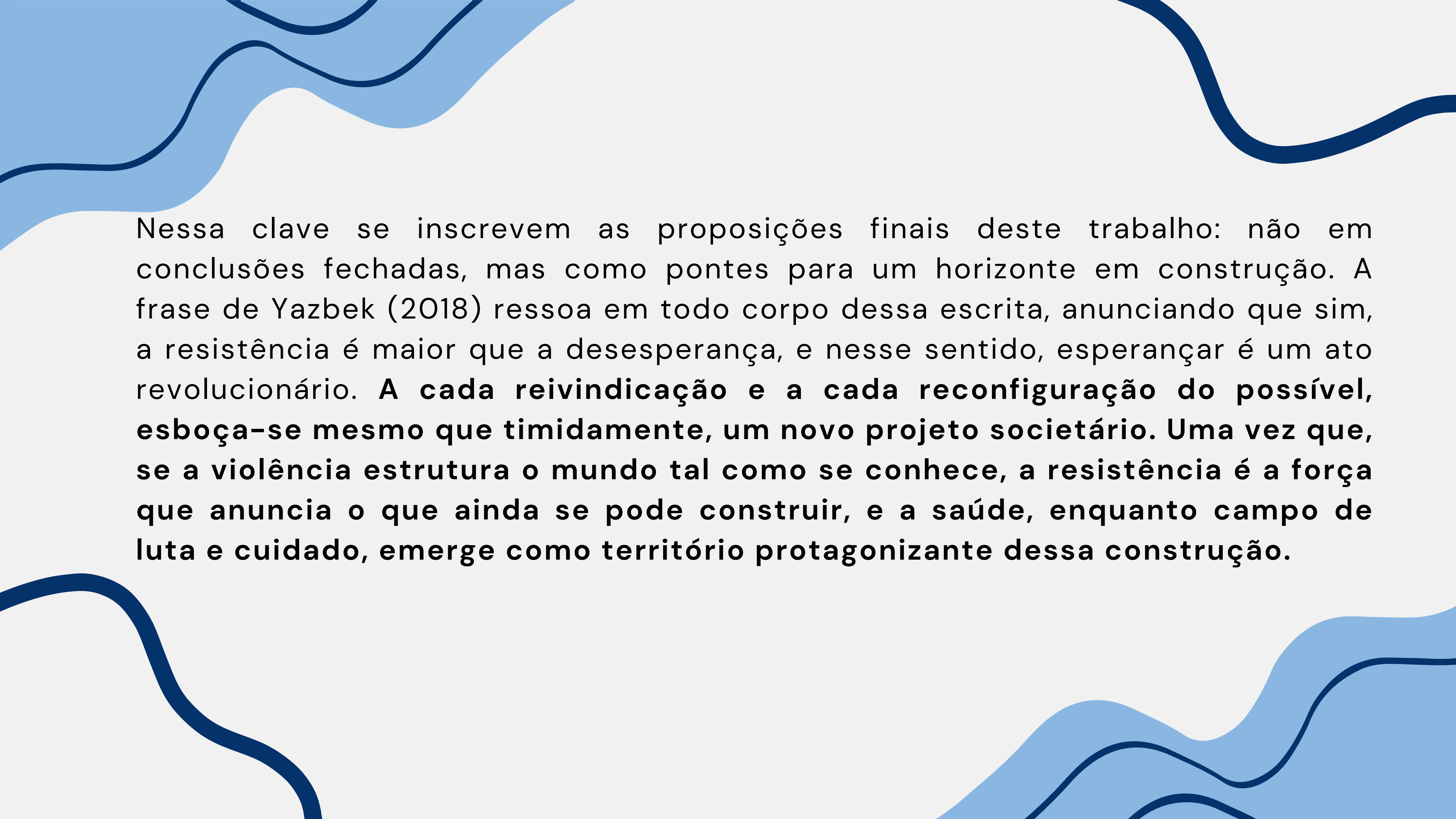
A busca total inicial resultou em 40 produções, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Priorizou-se a partir dessa amostra, a análise de produções que tratassem diretamente e especificamente da relação entre saúde e violência no campo da saúde, visando a estruturação de um diálogo mais consistente com as normativas legislativas relacionadas ao setor. **A partir dos critérios e ajustes, a amostra inicial de 40 produções resultou em 12 trabalhos selecionados, que foram sistematizados em uma tabela e caracterizados.** O capítulo se encerra com um último subtópico dedicado à apresentação de elementos e reflexões extraídos da análise.

Apontamentos para o debate

- Dentre os trabalhos analisados, destaca-se a abordagem da violência institucional. Das doze produções selecionadas, cinco (Pinheiro, 2018; Silva, 2019; Lima, 2019; Fernandes, 2020; Tavares, 2022) dedicaram-se exclusivamente a essa temática, enquanto as demais a mencionam de forma menos aprofundada.
- Um aspecto central nas teses analisadas é a relação entre essas violências e as estruturas patriarcais, neoliberais, racistas e colonialistas que perpetuam desigualdades nos serviços de saúde.
- A categoria gênero também foi abordada com recorrência, sete dos doze trabalhos trataram de modo aprofundado acerca do recorte da violência de gênero contra a mulher, sendo versado em outras outras produções.
- Os estudos analisados destacam a intersetorialidade, a importância do território e a defesa de intervenções preventivas distantes da perspectiva biomédica, alinhadas ao cuidado e à garantia dos direitos humanos e sociais.

Considerações finais

- A investigação revelou a amplitude com que a violência atravessa a saúde, não como evento isolado, mas como aparelho da própria estrutura social.
- A recorrência da violência institucional na literatura selecionada aponta não apenas para a negligência do Estado, mas para um projeto de morte e adoecimento direcionado a determinadas populações.
- A centralidade da família como um espaço paradoxal, sendo localizada simultaneamente como *lócus* de perpetração e de proteção da violência.
- A história da inserção da violência no campo da saúde, na construção de políticas de cuidado e acompanhamento, uma história de opressões sistêmicas e de logros advindos da mobilização das classes trabalhadoras.



Nessa chave se inscrevem as proposições finais deste trabalho: não em conclusões fechadas, mas como pontes para um horizonte em construção. A frase de Yazbek (2018) ressoa em todo corpo dessa escrita, anunciando que sim, a resistência é maior que a desesperança, e nesse sentido, esperar é um ato revolucionário. **A cada reivindicação e a cada reconfiguração do possível, esboça-se mesmo que timidamente, um novo projeto societário. Uma vez que, se a violência estrutura o mundo tal como se conhece, a resistência é a força que anuncia o que ainda se pode construir, e a saúde, enquanto campo de luta e cuidado, emerge como território protagonizante dessa construção.**

Referências:

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. O que dizem os dados da violência no Brasil? Porto Alegre: PUCRS, 2024. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/pesquisa/artigo-o-que-dizem-os-dados-da-violencia-no-brasil/>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Quase 200 casos de violência contra crianças e adolescentes são notificados todos os dias no Brasil. 2024. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/news/quase-200-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-sao-notificados-todos-os-dias-no-brasil/>.

AGÊNCIA BRASIL. Número de denúncias de violência contra idosos cresce em 2024. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/numero-de-denuncias-de-violencia-contra-idosos-cresce-em-2024>.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010.